

Comentário

Os CONCEITOS DE AGENTE E SUJEITO

convergências, distanciamentos
e complementariedade entre
os representantes da
Teoria da Subjetividade¹

Roberto Valdés Puentes

*F*ico imensamente grato pelo convite para participar do presente livro. A Didática, mais preocupada com os componentes não pessoais do processo, especialmente com os conteúdos e métodos, esqueceu-se do que é importante: o aluno, sem o qual nenhum esforço de organização material tem qualquer sentido. Foi justamente essa ausência total de debate a respeito do sujeito que aprende, que nos aproximou da Teoria da Subjetividade.

-
1. O presente texto é uma síntese da intervenção do autor, na condição de debatedor, na mesa redonda intitulada *Os conceitos de agente e sujeito: significação e expressão em diferentes contextos*, que contou com a participação das professoras doutoras Pilar de Almeida, da Rede Nacional de Ensino e Pesquisa, e Maristela Rossato, da Universidade de Brasília, durante o III Simpósio Nacional e I Simpósio Ibero-americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2021.

Confirmar

O GEPEDI (Grupo de Estudos e Pesquisas em Didática e Desenvolvimento Profissional Docente), provavelmente seja um dos poucos grupos sobre didática no Brasil que se preocupa com a pesquisa sobre a organização dos processos que têm como objetivo o desenvolvimento do sujeito da atividade de estudo. Esse interesse cresceu nos últimos anos e fica de manifesto em publicações científicas recentes (Puentes, 2019; Carcanholo, 2020; Lopes, 2020).

A nossa filiação com a Teoria da Aprendizagem Desenvolvimental, concepção psicológica e didática histórico-cultural surgida na ex-União Soviética, na segunda metade da década de 1950, coloca de manifesto esse interesse a respeito da compreensão do sujeito, sua aprendizagem e desenvolvimento intelectual-subjetivo. Mesmo assim, por razões que não é possível explicar aqui, a teoria avançou muito pouco em relação ao estudo psicológico do conceito de sujeito. Enfim, mesmo sendo o sujeito o foco da teoria, seus representantes dedicaram-se muito mais à análise dos aspectos objetivos da própria atividade de estudo.

Em tal sentido, os textos de Rossato (2021) e Almeida (2021) são fundamentais, entre outras razões, porque corroboram, uma vez mais, o fato de que a Teoria da Subjetividade avançou significativamente a respeito do estudo do sujeito quando comparado com outras variantes histórico-culturais. González Rey não apenas resgata a noção de sujeito, praticamente ausente no interior da Psicologia clássica do período soviético, o que já por si representa uma grande contribuição, mas a aborda pelo ângulo teórico, o que significa que ‘em nenhum momento’ o sujeito poderia ser visto “isolado de seus fundamentos epistemológicos e ontológicos”.

Do ponto de vista ontológico, a concepção de sujeito, de González Rey, tal e como Rossato (2021) reconhece, está fundamentada em uma teoria da subjetividade que parte de três pressupostos fundamentais: 1) o social constituindo o psicológico que se expressa como configuração de sentidos subjetivos; 2) a existência de uma simultaneidade entre o sujeito individual e o sujeito social; 3) o caráter gerador da pessoa individual e social, que pode vir a transcender os espaços sociais normativos evidenciando que “o indivíduo não é ‘vítima’ da subjetividade, ele pode tornar-se sujeito dela”.

Entretanto, gostaria de ressaltar, além da consistência teórica na abordagem do tema e da qualidade do texto escrito, que tive a oportunidade de ler outros quatro aspectos relevantes a respeito dos trabalhos de Almeida (2021) e Rossato (2021): 1) as convergências teóricas que se observam no pensamento de ambas as autoras; 2) os distanciamentos existentes entre elas; 3) as complementaridades que surgem em razão desses distanciamentos e, por fim, 4) algumas ‘ausências’.

Confirmar

Confirmar

As convergências

Os textos de Almeida (2021) e de Rossato (2021) convergem em duas questões fundamentais. Em primeiro lugar, na importância que concedem ao resgate da condição de sujeito como um dos grandes valores heurísticos da Teoria da Subjetividade. Em segundo, nas aproximações a respeito da ideia de que o conceito de ‘sujeito’ não é estático ou imutável, mas resultado de um longo processo de amadurecimento do pensamento de González Rey, pois

como todo conceito – afirma Almeida – acompanhou sua produção teórica, alterando-se e transformando-se, ao servir como um recurso de pensamento do autor para a criação de novos espaços de inteligibilidade a cada momento de sua obra, ao mesmo tempo em que se mantinha como um fio condutor germinal (Almeida, 2021, p. 1).

Rossato (2021) também sustenta a mesma tese do “fortalecimento” do conceito de sujeito com o passar dos anos.

Neste capítulo, abordaremos o conceito de ‘sujeito’ conforme apresentado por González Rey com ênfase às obras publicadas a partir de 2017. Esse posicionamento temporal não representa que obras anteriores do autor não venham a ser referenciadas, [...] por haver alguma consolidação da presença do agente como conceito, fortalecendo as bases compreensivas para distinguir e evidenciar o que já vinha sendo defendido sobre o sujeito (Rossato, 2021, p. 2).

Fica evidente no trabalho de ambas as autoras que os conceitos desenvolvidos por González Rey foram se metamorfoseando, modificando, alterando, ganhando em densidade, conteúdo e complexidade, na mesma medida em que sua compreensão sobre a própria Teoria da Subjetividade ia ganhando em consistência teórica, epistemológica e metodológica.

Olistanciamentos

Embora as aproximações sejam o aspecto característico entre ambas as autoras e textos, os afastamentos também são significativos. Contudo, esses distanciamentos em lugar de estarem relacionados a questões teóricas, metodológicas ou epistemológicas, associam-se a tópicos que chamaríamos de ‘espaciais’, para fazer referência ao recorte temporal do objeto adotado por cada autora. Rossato (2021) aborda

o período posterior a 2017, demarcado pela publicação do livro *Subjetividade: teoria, epistemologia e método* (2017), em que o conceito de sujeito adquire seu máximo nível de elaboração e em que emerge o conceito de “agente”, para mostrar o caráter ativo do ser humano mesmo nas condições mais adversas. Já Almeida (2021), centrou sua análise na evolução histórica do conceito de “sujeito”, ao levar em consideração dois momentos no desenvolvimento do pensamento de González Rey: 1) antes de 1997, ano de publicação do livro *Epistemologia Qualitativa e Subjetividade*, considerado Momento da Personalidade; 2) depois de 1997, Momento da Teoria da Subjetividade e da Epistemologia Qualitativa.

As complementaridades

O recorte do objeto de análise do ponto de vista temporal foi uma saída inteligente encontrada pelas autoras, pois torna o estudo de uma fundamental para a compreensão do trabalho da outra e vice-versa. Sem o texto de Almeida (2021), que analisa a trajetória do conceito de sujeito, é impossível compreender como e por que González Rey chegou à definição de “sujeito” de 2017. Seu trabalho permite compreender o longo caminho teórico percorrido pelo autor até chegar a essa última definição.

Do mesmo modo, sem o trabalho de Rossato (2021), em que se aprofunda na análise dos desdobramentos dos conceitos de sujeito e de agente, a partir de 2017, sobretudo, com a abordagem das principais expressões de ambos os conceitos em diferentes contextos (de saúde, de aprendizagem, profissional e de pesquisa), não seria possível compreender com tanta exatidão os aspectos fundamentais que Almeida (2021) aborda na última parte de seu texto.

Algumas ‘ausências’

Além das visíveis aproximações, distanciamentos e complementaridades entre ambos os textos, também chamam a atenção algumas ‘ausências’. Mas, não desejaria que esse termo seja interpretado no sentido de ‘limitações’, pois não vejo isso nos trabalhos de uma ou de outra autora. Vejo apenas ‘inexistência’, ‘carência’, ‘falta’, o que resulta totalmente compreensível em qualquer tipo de trabalho científico. L. S. Vigotski e González Rey foram geniais e mesmo assim não abarcaram tudo aquilo que era de seu interesse investigativo. A capacidade de trabalho, de reflexão e de produção é sempre  incompleta, truncada.

Então, essas ‘ausências’ vão no sentido daquilo que o trabalho de Almeida (2021) e Rossato (2021) anunciam, mas deixam em aberto, e que, portanto, seria relevante retomar por parte da comunidade científica com a urgência e profundidade requerida e colocado em um novo patamar. A ciência avança com base nessas complementaridades, por isso parece prudente fazer menção a, pelo menos, duas delas.

Em primeiro lugar, trata-se da ‘carência’ de pesquisas atuais e autorais (próprias) a respeito da análise crítica do tema da subjetividade, mais especificamente do sujeito, na Psicologia oficial soviética. Com isso, a abordagem desse aspecto ainda continua a depender das construções e interpretações realizadas por González Rey, de uma relevância, profundidade, originalidade e pertinência incalculáveis, mas com as limitações próprias que impõem à história de vida do pesquisador, o nível de desenvolvimento adquirido pela ciência nesse momento concreto, os objetivos específicos escolhidos, as prioridades etc. González Rey focou suas críticas na análise das limitações da escola de A. N. Leontiev e de alguns de seus principais representantes (P. Ya. Galperin, D. B. Elkonin, V. V. Davidov, N. F. Talizina), mas não abarcou outras variantes da mesma, como é o caso da escola de Kharkov, dentro da qual V. V. Repkin e A. K. Dusavitski são apenas duas expressões modernas. Isso faz com que o que se sabe e disse no interior da Teoria da Subjetividade, a respeito das virtudes e limitações da Psicologia oficial soviética, ainda é o que González Rey escreveu sobre a questão.

Em segundo lugar, percebe-se também ‘falta’ de estudos comparativos entre o pensamento de González Rey e de outros representantes importantes do enfoque cultural-histórico a respeito do tema da subjetividade e sujeito, o que dificulta ou até compromete o trabalho de delimitar o verdadeiro alcance e a originalidade dos aportes de González Rey, bem como levar em consideração suas interlocuções, aproximações, distanciamentos e complementaridades com respeito a outros teóricos para além de L. S. Vigotski, S. L. Rubinstein e L. I. Bozhovich. Falo, por exemplo, de estudos comparativos entre González Rey e V. V. Davidov. Um caso típico a ser estudado é o conceito de “sujeito da emoção” que González Rey apresenta no seu livro *Sujeito e subjetividade* (2002) e a influência que na sua emergência pode haver tido a obra e o pensamento de V. V. Davidov, pois, mesmo sendo um autor que o psicólogo cubano criticou várias vezes, fica a impressão de que o conceito de “sujeito das emoções”, do autor russo contribuiu com a aparição do conceito de “sujeito da emoção”, de González Rey.

Considerações finais

Em síntese, gostaria de reconhecer a importância dos textos discutidos no processo de divulgação do pensamento de González Rey e de consolidação da Teoria da Subjetividade. Deixo, para concluir, o desafio de dar continuidade ao estudo dos conceitos sujeito e agente, a partir da análise de sua expressão nos diferentes âmbitos da vida humana, aprofundando no conteúdo de aspectos específicos desses conceitos, tais como, “transcendência”, “espaço social normativo”, “opções criativas”, “via própria de subjetivação”, bem como nas diferenças concretas entre “mudança subjetiva” e “desenvolvimento subjetivo” etc. As pesquisas atuais ainda não apresentam muita luz a respeito do conteúdo desses aspectos quando se analisa, especificamente, o processo de aprendizagem escolar.

Referências

- ALMEIDA, P. *A trajetória da categoria teórica de sujeito no pensamento de González Rey*. III Simpósio Nacional e I Simpósio Ibero-americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2021.
- CARCANHOLO, F. P. S. *A aprendizagem criativa do sujeito: um estudo à luz da didática desenvolvimental e da teoria da subjetividade*. 2020. 267 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Doi: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2020.691>.
- LOPES, E. S. L. *A periodização do desenvolvimento e a teoria da atividade de estudo de D. B. Elkonin: uma análise à luz da teoria da subjetividade*. 2020. 170 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020. Doi: <http://doi.org/10.14393/ufu.te.2021.5503>.
- PUENTES, R. V. A noção de sujeito na concepção da aprendizagem desenvolvimental: uma aproximação inicial à teoria da subjetividade. *Obutchénie*, Uberlândia, v. 3, n. 1, p. 58-87, 2019c. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/Obutchenie/article/view/50575>. Acesso em: 03 set. 2021.
- ROSSATO, M. *A emergência do sujeito em diferentes contextos de pesquisa e práticas sociais*. In: III Simpósio Nacional e I Simpósio Ibero-americano de Epistemologia Qualitativa e Teoria da Subjetividade, realizado nos dias 21, 22 e 23 de outubro de 2021.